

LINGUAGEM E IDEOLOGIA: O PODER DA PALAVRA

Pedrinho Guareschi

Mestrado de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO

Nos vários anos em que me dediquei à pesquisa, sempre me surpreendi com um fato curioso, intrigante e, até certo ponto, misterioso: Como pode ser que pessoas obedeçam tão cegamente a ordens recebidas, apesar de não haver sentido, ou razão aparente, para isso? Como se explica tão grande resposta a um estímulo verbal, apesar de não terem os sujeitos recompensa correspondente de tais atos?

Minha preocupação vem desde o tempo do Doutorado em Sociologia (Psicologia Social) em Madison, Wisconsin, quando escolhi para "minor" o campo dos meios de comunicação de massa, na perspectiva da Escola de Frankfurt. Resultou disso um livro (Guareschi, 1981) onde, na perspectiva frankfurtiana, ainda numa linha macro-social, discuto a influência e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina.

A partir de 82, comecei a particularizar este estudo no campo específico da religião. No livro "A Cruz e o Poder" (Guareschi, 1986) e na pesquisa que agora estou concluindo, sobre a Igreja da Unificação (Seita Moon), quis defrontar-me seriamente com o problema da "força da palavra" ao tentar analisar a maneira como os membros da seita são recrutados e doutrinados. A pesquisa sobre a Seita Moon, contudo, abriu-me espaço para um estudo mais amplo, sobre os processos usados por mais grupos religiosos, inclusive grupos religiosos pentecostais, tanto protestantes como católicos, e suas práticas. Conforme vou mostrar posteriormente, estudo agora especificamente os processos de "comando" e de "lavagem cerebral", como e quando se configuram em determinados grupos.

Foi a partir de 84 que mais um pesquisador, inicialmente meu aluno, e agora professor desta Universidade na Faculdade dos Meios de Comunicação Social, se interessou por esses temas e começamos a trabalhar juntos. Sua primeira pesquisa, orientada por mim, resultou em livro: "Futebol: Ideologia do Poder" (Ramos, 1987). Ele analisa aí a função do esporte na reprodução das relações de produção. Um segundo trabalho, também sob minha orientação, está agora em sua 3ª edição, tendo sido editado no ano passado: "Gráficos na Globo" (Ramos, 1986). Nesse trabalho Roberto já analisa a função da propaganda e publicidade, principalmente do "merchandising". Roberto tem também um terceiro estudo, com uma introdução minha, sobre o "Plano Cruzado", sua função ideológica, e como os meios de comunicação o tratam. Será publicado em janeiro, 88. Roberto e eu estamos trabalhando agora num projeto específico, que ficará pronto

até o fim deste ano, e pretendemos publicar logo, referente às contradições que um profissional, ou "intelectual orgânico", tem de enfrentar numa sociedade de Classes. A primeira parte, mais teórica, está sendo elaborada por mim. A exemplificação prática, especificamente para o caso do jornalista, publicitário, relações públicas e professor, com pesquisa direta de profissionais deste campo, está sendo feita por Roberto.

Com a reativação do Mestrado em Psicologia da PUCRS, há uma insistência em que se aprofundem determinadas linhas de pesquisa. É assim, pois, que se ampliou o grupo, e além de Roberto e eu, três pessoas mais participam da equipe, todos dentro do enfoque geral da Linguagem e Ideologia:

- Leo Flores Vieira Nunes é mestrando em Sociologia, mas pesquisa assunto bastante ligado à área. Seu trabalho de Mestrado, orientado por mim, é uma pesquisa sobre o fim de semana na TV: o que é apresentado, programas escolhidos e principalmente sua função ideológica de reprodução das relações dominantes da sociedade. Tenta comprovar a hipótese de que "quem vê TV no fim de semana, vai correndo trabalhar na segunda-feira".

- Neuza Maria G. Paiva: é professora neste Instituto, psicóloga, com curso de especialização em Psicologia Organizacional. Como psicóloga se interessou fundamentalmente na "formação dos conceitos". Leciona Psicologia Social para o Curso de Letras e atualmente desenvolve, na equipe e com a colaboração da equipe, um estudo de ideologia contida nas cartilhas de alfabetização, principalmente na formação de determinados conceitos, como "criança", "família", "trabalho", "escola", etc.

- Rosane Neves: psicóloga, coordenadora do Curso de Pós-Graduação (especialização) em Psicologia Escolar, mestranda em Psicologia Escolar, mestranda em Psicologia. Dentro do tópico de Linguagem e Ideologia Rosane trabalha com análise ideológica de textos, principalmente jornais e revistas. Rosane está se integrando agora ao grupo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Poder-se-ia dizer que o referencial teórico básico da equipe situa-se dentro da teoria histórico-crítica, conforme discutido no livro "Sociologia Crítica" (Guareschi, 1985). Nossa perspectiva fundamental é que a sociedade é uma formação social determinada, condicionada por um modo de produção específico e cuja superestrutura sofre influência dessa infra-estrutura, exercendo, em contrapartida, uma ação de retorno. Não vemos a sociedade como um sistema fechado e funcional, mas como um processo histórico, passível de mudança e possuindo contradições. Colocamo-nos, pois, dentro duma posição teórica que possibilite a transformação. Nos pesquisadores que trabalham com temas relacionados à comunicação (Roberto, Leo e Rosane) a fundamentação teórica é principalmente a discutida pela Escola de Frankfurt (Jay, 1973), com influência de Gramsci (1978), Althusser (1971) e

Habermas (1985). Há também, principalmente na metodologia de análise de textos, influência de Verón (1969).

O trabalho de Neuza, dentro da grande perspectiva histórico-crítica, se fundamenta na teoria de Terwilliger (1974), Leontiev (1978), Lane (1981, e 1984) e Vigotsky (1984). Ainda como influência metodológica as pesquisas desenvolvidas pelo (Centro de Estudios y Promoción del desarrollo- Peru) Desco-Peru, de Roncagliolo (1974, e 1975) e Bini e outros (1977) servem como referências gerais.

Quanto ao trabalho que realizo no uso da palavra como dominação em grupos religiosos, os estudos de Terwilliger (1974) e os problemas apresentados por Lane (1981 e 1984) servem como referencial geral. Procuro, contudo, averiguar uma hipótese fundamental de Adorno (1950), dentro de seus estudos sobre "personalidade autoritária". Analogamente, pode-se dizer, à personalidade autoritária, que é o indivíduo que "vive para" comandar, desenvolve-se uma contrapartida, também verbal, na formação duma "personalidade obediente", isto é, o indivíduo que "vive para" obedecer. Tanto na situação de "comando" (obediência cega), como na situação de "lavagem cerebral", o mundo aparece sob novos aspectos, significativamente diferentes, para uma pessoa que sofre uma transformação nos seus significados, na hipótese apresentada por Whorf (1956), a existência de novos significados nos leva à existência de novas ações: quando se aceita um significado novo, age-se diferentemente com respeito a determinados objetos.

Na parte metodológica, no referente ao estudo de grupos religiosos, estou tentando adotar um modelo sugerido por Barker (1984) que me parece muito útil para comprovar o grau de coerção, ou de liberdade, existente no processo de adesão a um grupo religioso. O modelo analisa quatro variáveis (o indivíduo e suas predisposições, a sociedade que o atemoriza, o grupo religioso que o atrai, e o contexto social imediato, que mais nos interessa, que são as estratégias usadas no trabalho de atração e doutrinação dos membros: tipos de cursos, seminários, convites; práticas internas das instituições, etc.) interagindo em nove situações específicas (coerção física, controle da mente, etc.) A relativa contribuição das quatro variáveis nas nove situações diferentes forma um modelo teórico relativamente útil para verificar a presença de opção livre ou de coerção por parte dos que aderem a um grupo religioso.

METODOLOGIA

A metodologia empregada pelos diversos membros da equipe varia de acordo com o objeto em estudo; vai desde a análise de textos, para as pesquisas sobre textos de jornais e cartilhas escolares; passa por entrevistas (dirigidas ou não) para estudos dos grupos religiosos; faz análise crítica de programas de TV e outros conteúdos da comunicação; chegando até à observação participante na análise das

técnicas usadas pelos vários grupos religiosos na conquista e doutrinação de seus adeptos.

Conforme já acenamos na discussão do referencial teórico, aqui também tomamos uma postura crítica, tentando ser críticos da própria metodologia. Assim que assumimos a impossibilidade, dentro numa sociedade de classes como a que vivemos, duma pesquisa neutra (Brandão, 1982 e 1984; Guareschi, 1977). Todo método de pesquisa faz pressuposições sobre a maneira como as informações poderão ser obtidas das pessoas, o que poderá ser feito com elas ou a elas, para alcançar esse objetivo.

Assumimos o homem como pessoa em relação, fazedor da história, embora não exatamente como ele a deseje. Numa sociedade contraditória, a pesquisa tanto pode servir aos dominantes como aos dominados. Vemos, nisso tudo, a impossibilidade de neutralidade, pois é impossível agir, tanto ao colocarmos ações positivas (agindo ou impedindo), como quando não colocamos ações (permitindo ou nos omitindo) (Cfr. von Wright, in Israel e Tafel, 1972). Em qualquer circunstância, acontecem ações. Sendo que a cada ação corresponde uma dimensão ética, torna-se impossível manter uma posição neutra.

Isso não quer dizer, contudo, que não haja uma contínua vigilância e uma crítica constante dos métodos e técnicas empregadas. O trabalho em equipe favorece, nesse ponto, uma pesquisa que esteja atenta tanto a vieses pessoais, como sociais.

CONCLUSÃO

O grupo sente o trabalho como resposta a uma necessidade urgente e séria de nossa sociedade dominada e massiva, em que condições de liberdade são cada vez mais reduzidas devido, principalmente, à avalanche de estímulos e ao bombardeio incessante de mensagens que nos envolvem por todos os lados. Através da sugestão, auto-sugestão, persuasão, imitação, pressão moral, estímulos subliminares, "comandos", lavagem cerebral, etc. somos levados a agir e a consumir, envolvendo-nos, muitas vezes contra nossa vontade, numa rede de condicionamentos que nos pressionam e nos obrigam a comportamentos e ações das quais, muitas vezes demasiado tarde, nos arrependemos. Colocamos assim nosso trabalho numa dimensão de conquista duma maior consciência e duma maior liberdade para as pessoas e para os grupos na consecução duma sociedade mais transparente, igualitária e justa.

Referências:

- Adorno, Theodor. The Authoritarian Personality, New York: Harper, 1950.
- Althusser, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

- Barker, Aileen. The Making of a Moonie, London: Basil Blackwell, 1984.
- Bini, Giorgio e outros. Los Livros de Texto en América Latina, México: Editorial Nueva Imagem, 1977.
- Brandão, Carlos Rodrigues (org) Pesquisa Participante, S.Paulo: Brasiliense, 1982
- Brandão, Carlos Rodrigues Lutar com a Palavra. S.Paulo: Graal, 1984
- Gramsci, Antonio, Selections from the Prison Notebooks, New York: International Publishers, 1978.
- Guareschi, Pedrinho. "Ciência e Juizos de Valor", em Psico, 1977, 12, pg.65-70
- Guareschi, Pedrinho. Comunicação e Poder - 6a. Edição. Petrópolis, Vozes, 1981.
- Guareschi, Pedrinho Sociologia Crítica - 15a. ed. Porto Alegre: Edição Mundo Jovem, 1985.
- Guareschi, Pedrinho A Cruz e o Poder, Petrópolis, Vozes, 1986.
- Habermas, Jurgen. Coleção "Grandes Cientistas Sociais" - org. por Barbara Freitag e P. Rouanet. São Paulo: Atica, 1985.
- Israel, J. e Tajfel, H. The Context of Social Psychology. London: Academic Press, 1972
- Jay, Martin. The Dialectical Imagination; Boston: Little Brown, 1973
- Lane, Silvia. Que é Psicologia Social. S.Paulo: Brasiliense, 1981
- Lane, Silvia. e Colo, Wanderley. O Homem em Movimento. S.Paulo: Brasiliense, 1984.
- Leontiev, Alexis N.O. Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Horizonte, 1978.
- Ramos, Roberto. Futebol: Ideologia do Poder. Petrópolis, Vozes, 1984.
- Ramos, Roberto. Grã-finos na Globo - 3a. ed. Petrópolis, Vozes, 1986.
- Roncagliolo, Rafael. La Publicidad, porque me gusta pues. Peru: Desco, 1974.
- Roncagliolo, Rafael. Cuesta arriba, cuesta abajo. Peru: Desco, 1975
- Terwilliger, Roberto, Psicologia da Linguagem, S.Paulo: Cultrix, 1974
- Verón, Eliseo. Lenguaje y Comunicación Social. Buenos Aires: Nueva Vision, 1979.
- Vigotsky, L.S. A Formação Social da Mente. S.Paulo; Martins Fontes, 1984.